

VOZES DIVERSAS
DIFERENTES SABERES



SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXX SIC

15 A 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



ANTROPOLOGIA DE UMA ZOOÑOSE

biopolítica e moralidades no surto de Leishmaniose Visceral Canina em Porto Alegre

Universidade Federal do Rio Grande do Sul . Aluna Luiza Beck
Orientador Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (PPGAS/IFCH/UFRGS)

A leishmaniose visceral (LV) é uma doença infecciosa, não contagiosa, transmitida por um **protozoário** através da picada de um inseto chamado **mosquito-palha**. Considerada pela OMS uma zoonose fortemente associada a condições socioeconômicas de vida precárias, afetando principalmente indivíduos pobres, com o sistema imunológico comprometido e/ou aqueles vivendo em condições críticas de moradia, saneamento e urbanização.

As primeiras vítimas fatais na cidade ocorrem em 2016 e 2017 na **Vila das Laranjeiras** (área pouco saneada e de urbanização precária) no Morro Santana, momento no qual as políticas de controle epidemiológico são mobilizadas e geram uma **crise moral** entre tutores de cães, protetoras de animais e agentes de saúde pública - a principal medida de manejo da doença é a **eutanásia** dos animais soropositivos, reservatórios do parasita Leishmania.

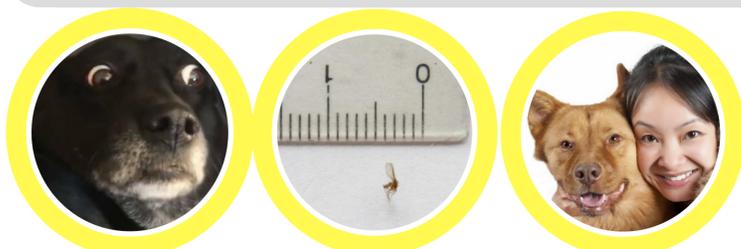
A política de eutanásia reflete uma prática de “culpabilização” dos caninos, que passam a ser considerados **riscos** para a saúde, ainda que a eficácia dessa prática não seja comprovada (MACHADO, 2016) e, agora, **objetos de gestão do Estado** - assim como seus tutores e comunidades, que passam a ser incluídos em lógicas biopolíticas de controle por compartilharem uma doença intimamente ligada a **processos de exclusão social**.

Pusseti e Brazzabeni (2011) caracterizam a noção de **sofrimento social** como as consequências nos corpos e nos discursos de sujeitos que vivem dinâmicas de exclusão, tais como pobreza, opressões de gênero e cor, um histórico de colonialidade e relações de poder historicamente desiguais - que as colocam nas margens sociais pelo adoecimento e dor, efeitos de uma **violência estrutural** (PUSSETI, 2011).

Das e Poole (DAS e POOLE, 2008) apontam que a literatura sobre o **controle de epidemias** constitui um *locus* clássico para investigar o **poder do estado** em relação às suas populações, especialmente as mais marginalizadas. É principalmente no contexto do controle de contágios nas (ex)colônias que conseguimos rastrear estratégias de poder dos estados em termos biopolíticos, de governo de vidas.

Frédéric Keck (2018) afirma que as zoonoses se configuram como o tipo de crise de **biossegurança** em relação às quais os estados contemporâneos vêm se preparando, se prevenindo - especialmente considerando o intenso fluxo de animais e pessoas pelo mundo, ambiente propício para doenças atravessem **fronteiras entre bichos e pessoas**.

A metodologia da pesquisa é a etnografia - composta por pesquisa de campo, observações e entrevistas, aliada à uma revisão literária contínua. Nossos resultados preliminares apontam para tensionamentos contemporâneos entre saberes, poderes e espécies articulados em políticas públicas - que interpretam cães e seus humanos-tutores, seus lares e comunidades como um risco de saúde pública, a ser administrado e controlado, causando efeitos de sofrimento social intenso nas vidas de pessoas e cães.



Cães, o mosquito palha e tutores

Referências bibliográficas: MACHADO, C. *O uso de um instrumento de saúde pública controverso: a eutanásia de cães contaminados por leishmaniose no Brasil*. Saúde Doc. São Paulo, v. 25, n.1, 2016.// PUSSETI, Chiara e BRAZZABENI, Micol. *Sufrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo*. Etnográfica (online), vol. 15 (3), 2011.//DAS, Veena e POOLE, Deborah. *El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas*. Cadernos de Antropologia Social, n. 27, p. 19-52, 2008 // KECK, Frédéric e LYNTERIS, Christos. *Zoonosis. Prospects and challenges for medical anthropology*. Medicine Anthropology Theory v. 5, n. 3, p. 1-14, 2018.